

Finalmente, o renascer da Gruta da Feiticeira!! Er Grah e o megalitismo da Bretanha. Notas de leitura.

VICTOR S. GONÇALVES*, ANA CATARINA SOUSA**

RESUMO

A Bretanha é um lugar mítico para o megalitismo e para as manifestações simbólicas e mágico-religiosas das antigas sociedades camponesas. Sítios como Gavrinis ou Barnenez entram entre as maiores referências da Pré-História europeia. Mas o conjunto do Grande Menir Quebrado, a Table des Marchands e Er Grah provocaram sempre admiração e levantaram numerosas questões, a tal ponto é grandiosa a sua arquitectura e escasso o espólio associado.

Charles-Tanguy Le Roux aborda Er Grah com a mesma tranquilidade com que investigou Gavrinis. Organiza, com uma equipa aplicada, um excelente trabalho. É o momento de lhe agradecer um contributo muito importante para o avanço da ciência. Avanço da ciência que, ao contrário do que se chegou a afirmar, é indispensável para a reconstrução do passado e escassamente se encontra na arqueologia que não é, de raiz, de investigação. E aqui temos Arqueologia a sério. Com resultados que bem poderiam despertar entre nós esse gosto, demasiadas vezes ausente, pelo trabalho de grupo, bem focado nas realidades-objecto. Ler este livro foi, a muitos títulos, um prazer. E os leitores, que o leram e anotaram, dedicam esta descrição e estes comentários a um querido Amigo, por ele responsável.

Palavras-chave: Bretanha – Antigas sociedades camponesas – Megalitismo – Er Grah

* Grupo de estudo das antigas Sociedades Camponesas. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, P-1600-214 LISBOA. E-mail: vsg@campus.ul.pt

** Grupo de estudo das antigas Sociedades Camponesas. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, P-1600-214 LISBOA. E-mail: sousa@campus.ul.pt

ABSTRACT

Brittany is a mythical place in terms of megalithism and the symbolic and magico-religious manifestations of early peasant societies. Monuments as Gavrinis and Barnenez are major references of European Prehistory. However, the assemblage of the Great Broken Menhir, the Table des Marchands and Er Grah have always caused amazement and raised many questions, such is the greatness of their architecture and scarce the associated archaeological remains.

Charles-Tanguy Le Roux deals with Er Grah with the same ease that he has investigated Gavrinis. With a hard-working team he made an excellent job. It is time to thank him a very important contribution to the advancement of science. Development of science that, unlike what has been stated before, is indispensable to the reconstruction of the past, and is barely found within archaeology that is not oriented to research. This is true Archaeology. With results that might awaken among us the enjoyment of group work, full-focused on object-realities. Reading this book has been a pleasure, for several reasons. The readers, who read and took notes, dedicate this article to a dearest friend, the team leader of this work.

Keywords: Prehistoric Brittany – Early peasant societies – Megalithism – Er Grah

1. O OBJECTO E A SUA LEITURA

Criticar uma publicação organizada (e em grande parte escrita) por um amigo de longa data não é, por vezes, tarefa fácil. Às vezes temos mesmo desagradáveis surpresas e a decepção instala-se. Felizmente, não é esse o caso. Er Grah, como outros monumentos da Bretanha, justificava há muito uma monografia «moderna». Que agora passa a ter, que tem nota alta e que vamos rapidamente apresentar. Seleccionámos aspectos estruturantes do texto, deixando para outros contextos as análises detalhadas de espólios antigos e da própria história dos monumentos. Que vimos ao vivo na Bretanha de recortadas costas e vinhoso mar, como diria o mediterrânico bardo (se alguma vez lá tivesse estado...).

Após uma longa história, que inclui as reacções populares ao monumento, o manuscrito do Marquis de Robien, as primeiras escavações na Table de Marchands, o histórico momento da descoberta de esse extraordinário monumento megalítico que é Gavrinis (1836), inicia-se, cinquenta anos depois, uma série de trabalhos, conduzidos por Jean L'Helgouac'h, que um de nós (VSG) ainda observou directamente. Após a morte de L'Helgouac'h, os trabalhos continuaram e este é, de algum modo, um ponto alto, a primeira grande publicação monotemática.

Desde há muito que o megalitismo bretão se liga ao megalitismo português. E o sucesso de palavras como *dolmen*, *kerb* ou *cairn*, são disso prova suficiente. As representações na arte rupestre, a suposta antiguidade do megalitismo e a longa história da pesquisa nas duas áreas explicam pontos de contacto, reforçados pela presença de investigadores do megalitismo bretão em reuniões de debate científico em território peninsular. Para além da conhecida tríade fundadora do estudo científico do megalitismo bretão e da sua divulgação internacional, Giot-Briard-L'Helgouac'h, destaca-se naturalmente Charles-Tanguy Le Roux, que, ao contrário dos anteriores, participou em reuniões científicas em Portugal: «Transformação e Mudança» em Cascais (1994), «1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo»

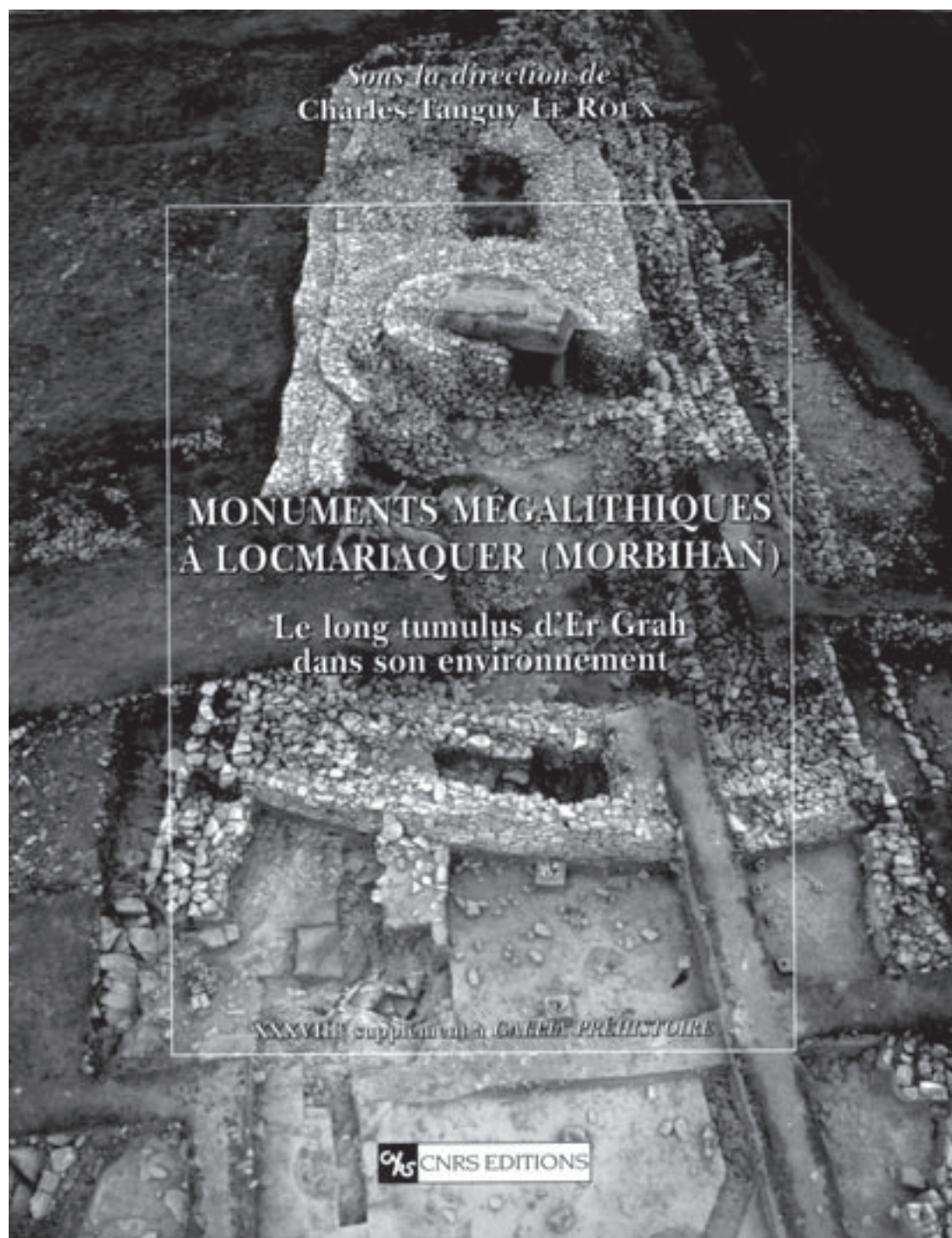


Fig. 1 – Capa da monografia sobre Er Grah.

em Reguengos de Monsaraz (1996) ou o «2.º Colóquio Internacional» em Reguengos de Monsaraz (2000) onde foi, aliás, objecto de uma homenagem (Le Roux, 2000; 2003; Gonçalves, 2003).

Como conservador de bens culturais da Bretanha, Charles-Tanguy Le Roux assumiu grandes responsabilidades na investigação, conservação e gestão do património megalítico da Bretanha, facetas incluídas na obra em análise, a qual constitui mais do que um estudo monográfico, antes reflectindo um projecto integrado para o megalitismo de Locmariaquer. Com edição de 2007, a génese desta obra remonta a 1986, aquando do início do programa de investigação lançado pelo Ministério da Cultura, com o conjunto *Table des Marchands, Le Grand Menhir Brisé* e o *Tumulus d'Er Grah*. Tratava-se de uma equipa mista, do Ministério da Cultura e do CNRS.

A morte do responsável do CNRS (Jean L'Helgouac'h) interrompeu o processo, ainda que se espere um segundo volume sobre a *Table des Marchands* e o *Grand Menhir*. Esta publicação é assumidamente colectiva, quer pelo número de autores intervenientes (11 autores: Amonmnat Kiratisin, Anne Gebhardt, Anne Tresset, Charles – Tanguy Le Roux, Dominique Demaille, Dominique Marguerie, Eric Gaumé, Guirec Querré, Jean-Denis Vigne, Jean-Yves Tinévez, Yannick Lecerf) quer por todos aqueles que contribuíram para a sua concretização nos trabalhos de campo desenvolvidos entre 1986 e 1997: «C'est a chacun de ces intervenants, si divers et pourtant tous indispensables, que ce volume est dédié, avec une pensée toute particulière pour la mémoire de Jean L'Helgouac'h qui n'aura pas pu voir l'aboutissement d'un programme auquel il avait consacré les dix dernières années de sa carrière scientifique» (Le Roux, 2007, p. 52).

A organização da obra reflecte assim uma considerável variedade de perspectivas, encontrando-se estruturada em três partes e um bloco de Anexos.

2. AS ÁRVORES, A FLORESTA E O QUE ESTÁ DEBAIXO

A primeira parte (*O ambiente Natural e Humano*) integra os elementos que contextualizam a escavação de Er Grah, quer em termos da paisagem, da gestão patrimonial e da contextualização do megalitismo regional.

A *leitura da paisagem* integra diversos capítulos que traduzem a diversidade de estudos geológicos, pedológicos, sedimentológicos e arqueobotânicos:

I – *A paisagem actual e as suas origens* – Charles-Tanguy Le Roux;

II – *Os solos, o seu coberto vegetal e a sua utilização no Neolítico* – Anne Gebhardt e Dominique Marguerie;

III – *A geologia base e as suas implicações* – Guirec Querré.

A leitura da evolução da linha de costa do golfo de Morbihan constitui naturalmente uma base fundamental para a compreensão do megalitismo regional. A proposta apresentada defende que este monumento se localizaria na linha de costa, antes da criação da península de Locmariaquer, numa fase de sucessivas transgressões marinhas, registando-se um forte impacto da introdução da agricultura, com a sucessiva desflorestação e crescimento das culturas cerealíferas. Em termos geológicos, a península de Locmariaquer constitui um maciço granítico, estando assim disponível uma excelente matéria-prima para a construção de megálitos, mas situação diversa se aplica ao grés e ao ortognaisse, utilizados para os grandes menires, e que obrigariam a deslocamentos de grandes distância, eventualmente transporte por via marítima.

A *gestão patrimonial* inclui a história das pesquisas e da protecção legal (IV – *A tomada de consciência de um património*, V – *A gestão e o estudo dos megálitos de Locmariaquer*), textos da autoria de Charles-Tanguy Le Roux, que reflectem a sua carreira como Conservador Geral de Bens Culturais da Bretanha e a produção bibliográfica sobre gestão patrimonial (vide por exemplo Saujot e Le Roux, 2004). A história das pesquisas inclui um extenso historial desde as primeiras menções ao megalitismo armoricano, em estudos de antiquários como Pierre Garcie Ferrande (1480) ou do Marquês Christophe-Paul de Robien (1756), até às campanhas de escavação no século 19. A análise inclui uma proposta de origem etimológica para o topónimo Er Grah na língua bretã: «Le nom de Men Er Groah dérivé de l'appellation cadastrale de la parcelle et issu d'un probable amalgame entre *Groh* (la grotte) e *Groac'h* (la sorcière)» (p. 35).

Face a um tão longo historial de pesquisa, a planificação da escavação em Er Grah resultou complexa, ainda que as pesquisas prévias se tivessem concentrado na área da câmara, permanecendo a restante área praticamente intocada. A apresentação da metodologia e historial das escavações (cap. VII – *La Mise en place du Chantier*) é efectuada por Charles-Tanguy Le Roux, Yannick Lecerf (também conservador de bens culturais) e Jean-Yvves Tinévez (CNRS) autores de diversos textos do volume.

3. AU PAYS DE LA DÉMESURE MÉGALITHIQUE

A contextualização do megalitismo regional, da autoria de Charles-Tanguy Le Roux, é encabeçada por um título impressionante «*Au pays de la démesure mégalithique*», que, livremente, se poderia traduzir em português por «Na terra do excesso megalítico».

A identidade cultural do megalitismo de Locmariaquer é aqui analisada em quatro grandes áreas: gigantismo, transporte, reutilizações e arte parietal. A

conjugação das características atrás mencionadas é interpretada de forma articulada. Assim, o transporte de blocos gigantes indica uma intenção firme de instalar os monumentos num ponto exacto. As reutilizações mostram a dinâmica do fenómeno e a sua persistência (15 séculos entre as primeiras estelas e as *Pierres Plates*). Estas características concentram-se na península de Locmariaquer, verdadeiro centro de gravidade do megalitismo armoricano que, por sua vez, é um dos centros de gravidade da arte megalítica europeia. São ainda avançadas razões para fixação naquele ponto do litoral sul armoricano, com explicações de âmbito natural, uma vez que se tratava do limite da área de cheias, e analisadas possíveis continuidades prévias, com o povoamento do Mesolítico final e as necrópoles de Tévieç e Hoëdic criando precocemente estruturas sociais complexas.

4. O CEMITÉRIO NOVO E O VELHO...

A segunda parte -*As escavações do Novo Cemitério e de Er Grah*, apresenta os dados arqueográficos das escavações dirigidas por Charles-Tanguy Le Roux, Yannick Lecerf e Jean-Yves Tinévez.

As escavações do Cemitério Novo (cap. VIII) correspondem a uma minimização de impactos na área envolvente do complexo megalítico de Er Grah – Table des Marchands. A área afectada foi objecto de decapagens mecânicas num total de 5000 m². O acompanhamento e limpeza da área permitiu identificar zonas com pouca potência estratigráfica, e outras, com maior potência e onde se registavam mais indicadores de ocupação, tendo-se procedido à escavação manual de 2000 m², dividida em 8 zonas. Na proximidade de Er Grah, regista-se um maior número de vestígios, como 7 estruturas de combustão e a presença de materiais, incluindo abundantes cerâmicas do Neolítico médio.

O objectivo central da monografia é analisado nos capítulos subsequentes, dedicados ao monumento de Er Grah. No capítulo IX, *A escavação de Er Grah. Problemática e estratégia*, são apresentados os diagnósticos prévios, os objectivos e estratégias de intervenção. Na metodologia da intervenção, salienta-se a vertente patrimonial: «la nécessité déontologique de respecter au maximum les structures architecturales conservées d'autre part, surtout lorsque leur démontage risquai de présenter un intérêt scientifique limité» (p. 77).

A escavação de 2340 m² foi norteada por um ambicioso conjunto de objectivos, nomeadamente o estudo estrutural do monumento, completando os trabalhos prévios muito antigos e simplificados de Le Rouzic, a caracterização da sepultura tradicionalmente entendida como *dolmen de corredor*; a análise dos contextos de construção de estruturas anteriores ou contemporâneas da construção e, finalmente, o estabelecimento das relações com os monumentos do sítio, *Table*

des Marchands e *Grand Menhir*. Sumariamente foram identificadas três grandes fases (e um prólogo):

0. substrato geológico natural;
1. paleossolo e remanescentes pré-megalíticos;
2. construção e funcionamento do monumento no Neolítico;
3. conjunto de acontecimentos pós-neolíticos.

A *descrição das estruturas arquitectónicas* (cap. X) assume grande importância nesta monografia, incluindo a análise do sepulcro, o *cairn* primário, o *Tumulus* de terra e as estruturas de fecho. A Câmara encontrava-se sensivelmente como a descreveu Le Rouzic em 1908, com degradação e acumulação de detritos após as grandes intervenções arqueológicas na longa história das pesquisas deste monumento. O *cairn* primário apresenta-se como um maciço trapezoidal de 43 m de comprimento por 11 a 14 m de largura, envolvendo o núcleo subcircular. O núcleo subcircular encontra-se degradado a Sul, com aparelho colocado de forma a suportar o peso do chapéu megalítico. O espaço entre os paramentos de acesso ao sepulcro encontrava-se preenchido com escombros de 20 a 50 cm de dimensão. Esta condenação de um espaço encontrava-se cercada por um paramento, o que indica que o *cairn* foi construído em duas fases. No limite norte, foi intervenção a trincheira aberta por Le Rouzic, o que permitiu identificar um núcleo central com uma camada mais ou menos espessa de areia, depositada sobre o depósito aluvionar para elevar o *cairn*. Foram ainda identificadas sequências de buracos de poste com alinhamentos, sendo proposto que estes sustentassem os vestígios de uma estrutura tipo paliçada para sustentar a areia. Este eixo de paliçada cruza o centro da laje de cobertura do sepulcro, orientado pelo *Grand Menhir*. Trata-se de uma estrutura axial: «On peut donc envisager qu'une grande palissade (donnant par ailleurs un axe de symétrie quasi parfait pour l'ensemble du prolongement sud d'Er Grah) ait été dressée entre ces deux repères (donc avant la chute du menhir) et ait servi de ligne de foi pour l'établissement d'un véritable réseau orthonormé» (p. 98).

Também os limites da estrutura foram analisados, incluindo os paramentos nos limites ocidentais e orientais e as *banquettes* laterais, a Norte, com o reaproveitamento de menires. Na extremidade Sul, parte do monumento foi arrasada aquando da construção de uma estrada, dificultando a leitura entre Er Grah e o alinhamento do *Grand Menhir*, (escavações de L'Helgouac'h).

As estruturas megalíticas não foram edificadas em terreno virgem: em todas as zonas sondadas, surgem vestígios arqueológicos prévios à edificação do monumento. A leitura das *estruturas pré-monumentais* (capítulo XI) abrange todo o monumento, evidenciando-se a existência de depósitos (de esqueletos de bovídeos e artefactos de variscite) e de várias estruturas de combustão. A função do sítio pré-

megalítico permanece por compreender, ainda que seja referido que não é um local puramente profano, hipótese indiciada pela presença da fossa dos bovídeos com cronologia muito antiga e da concentração de lareiras com cerâmicas do Neolítico médio, sem outras estruturas associadas. Paisagisticamente, tratava-se de uma área aberta, com campos de trigo. A escolha exacta da área de implantação da câmara funerária pode ser explicada pela presença da referida fossa dos bovídeos e pela geometria entre os vários monumentos megalíticos de Locmariaquer, tratando-se da dobra do terreno que vem em continuidade com Mané Lud e que a partir daí tem uma ligeira pendente para o *Grand Menhir* e a *Table des Marchands*.

5. PARA A SIMBÓLICA DOS BOVÍDEOS NÃO SE PRECISA DE DNA... OU SERÁ QUE...?

Valoriza-se a identificação de um *depósito de bovídeos* nos níveis que antecedem a construção de Er Grah, dedicando-se a este tema um capítulo (XII) da autoria de Anne Tresset e Jean-Denis Vigne. A identificação deste depósito em Er Grah poderá indicar que a raridade dos restos faunísticos em monumentos megalíticos é consequência de problemas tafonómicos determinados pela má conservação de restos faunísticos, dificilmente detectáveis em escavações antigas. Os ossos encontravam-se pulverizados, apresentando a face externa com fragmentos e a face interna apenas com os negativos. Os bovídeos encontravam-se depositados numa fossa subcircular escavada no paleossolo e coberta pelo depósito aluvionar e as carcaças teriam sido protegidas por estrutura perecível (ramos?), coberta por pedras. Apesar da impossibilidade em datar directamente estes bovídeos, por falta de colagéneo, é destacada a relação a datações sobre carvão em associação indirecta (4965-4714 Cal A.C.; 5419-5069 Cal A.C.). Em termos estratigráficos, o depósito pode ser integrado segundo duas hipóteses:

1. numa fase inicial do Neolítico médio anterior à extensão Sul do Monumento ou
2. numa fase inicial de formação do paleossolo, o que explicaria as datas antigas.

Esta é a hipótese defendida. Em termos arqueozoológicos, trata-se de dois indivíduos adultos (provavelmente uma fêmea e um macho), animais domésticos com dimensão superior aos da cultura de Villeneuve Saint Germain (VSG).

A ausência de datações directas dificulta a leitura, mas a hipótese de se tratar de um depósito de finais do Mesolítico é defendida face a paralelos com as necrópoles de Begen Vil, Tévien e Hoëdic, onde também se detectaram animais domésticos em contextos mesolíticos (Schulting, 1996), suportando-se com o modelo de neolitização proposto por Grégor Marchand, que salienta a existência de contactos precoces e coexistência entre as comunidades de caçadores recolec-

tores bretãs e os grupos neolíticos do Rubané (Marchand, 2003). Por outro lado, a hipótese de se tratar de um depósito neolítico (da cultura Castellet, Neolítico médio) é sustentada face à importância da temática dos bovídeos na arte megalítica. Caso se confirme a cronologia mesolítica do depósito de Er Grah, este seria uma das primeiras materializações de um tema simbólico que se generalizará em todo o Neolítico europeu.

6. E QUANTO À CULTURA MATERIAL?

O estudo da cultura material (Parte 3) é efectuado por vários autores, fundamentalmente Jean-Yves Tinévez (XIV. O espólio do Novo Cemitério, XV. O espólio de Er Grah e da área envolvente, XVI. O Nível de Base de Er Grah. Material lítico, XVII. O nível de base de Er Grah. A Cerâmica; XVIII. O material proveniente da massa do monumento e da superfície). Charles – Tanguy Le Roux estuda as recolhas antigas (capítulo XXI), Amonmnat Kiratisin e Dominique Demaille as contas de variscite (capítulo XIX) e o estudo morfo-funcional dos percutores de Er Grah (capítulo XX) é assegurado por Eric Gaumé.

Relativamente ao espólio do *Cemitério Novo*, a extensa área escavada resultou em apenas 2500 artefactos, recolhidos em áreas de concentração de material, e outros sem qualquer espólio associado. A extrema fragmentação e rolamento da cerâmica indicam que se trata de ocupações difusas e esporádicas. A ocupação pré-megalítica é ténue, não existindo indicações de materiais anteriores ao Neolítico médio, sendo mais abundantes os materiais integráveis no Calcolítico e Bronze antigo e sendo apontada a possível associação a pequenas sepulturas da área SE de Er Grah e até mesmo ao espólio de ouro da *Table des Marchands*.

O estudo do espólio de Er Grah e da área envolvente foi faseado em três conjuntos:

1. o nível de abandono e a carapaça pétrea;
2. o desmonte das estruturas do monumento;
3. o nível de base, de onde provem a maior parte do espólio.

O estudo foi também organizado por sectores.

Relativamente ao nível de base, o material lítico evidenciou a grande homogeneidade da colecção e indícios de debitage no sítio, com um maior número de utensílios junto à fachada do monumento. A cerâmica deste nível (cerca de 40 recipientes) apresenta-se como um conjunto muito fragmentado, o que traduz uma actividade intensa antes da edificação do monumento, mas durante um período curto.

Quanto ao material incluído na estrutura do monumento e à superfície, corresponde a material abandonado durante a construção ou que foi incorporado

por percolação. Destaca-se a presença de cerâmica Castelic no *cairn* primário e materiais do 4.º e 3.º milénios, depositados quando o monumento se encontrava já, em parte, degradado.

As *contas de variscite* são objecto de um estudo circunstanciado, uma vez que podem traduzir um depósito de fundação. É apresentada a problemática da determinação das áreas de proveniência das pedras verdes. Através de análises não destrutivas, aponta-se para possível proveniência da região sul armoricana.

O *estudo morfo-funcional dos percutores de Er Grah* (202 percutores), parece indicar que o talhe dos esteios tenha sido efectuado com o recurso à percussão, quer em elementos arquitectónicos de Er Grah quer no *Grand Menhir*, devendo ser destacado que a maior parte dos percutores de Er Grah foram recolhidos entre os elementos arquitectónicos.

A análise de conjunto do espólio de Er Grah pode indicar leituras da sequência de ocupação. Assim, apenas 4 peças apresentam uma cronologia mais antiga e a maior parte dos materiais remete para o Neolítico médio, apesar da data antiga da fossa dos bovídeos. A sul do *cairn* primário, verifica-se maior densidade de achados, provavelmente ligados à presença de paliçadas, criando um efeito de parede contra a linha axial.

O longo historial das pesquisas em Er Grah e na Bretanha megalítica evidencia a complexidade de linhas de leitura intercruzadas: arquitecturas, práticas funerárias, usos e condenações, pré-existências e usos posteriores (incluindo as antigas pesquisas arqueológicas).

7. A CRONOLOGIA ABSOLUTA (E EM CONCLUSÃO)

O Anexo III, redigido por Charles-Tanguy Le Roux, é sem dúvida um dos mais interessantes dos quatro publicados em fim de volume. O primeiro consistia numa descrição pormenorizada do depósito de bovídeos, o segundo, talvez insuficiente, analisava sob o ponto de vista petro – arqueológico algumas cerâmicas do Cemitério Novo e de Er Grah (sendo lícito perguntar porquê tão poucas). O anexo IV consiste num inventário de monumentos megalíticos de Locmariaquer.

O anexo III tem justamente como objecto as cronologias absolutas disponíveis, acompanhadas por gráficos onde surgem calibradas pela versão 3.3. do OxCal. Há sem dúvida uma data bizarra (A 8914, de 6305+-70 BP), mas as restantes organizam-se solidamente no 5.º e no 4.º milénio a.n.e. Algumas datas distribuem-se mesmo na dobragem do milénio, mas há uma boa presença estatística referente tanto ao 4.º como ao 3.º milénios. E é curioso verificar que pelo menos um autor se recusou a calibrar datas sobre concha, considerando a sua

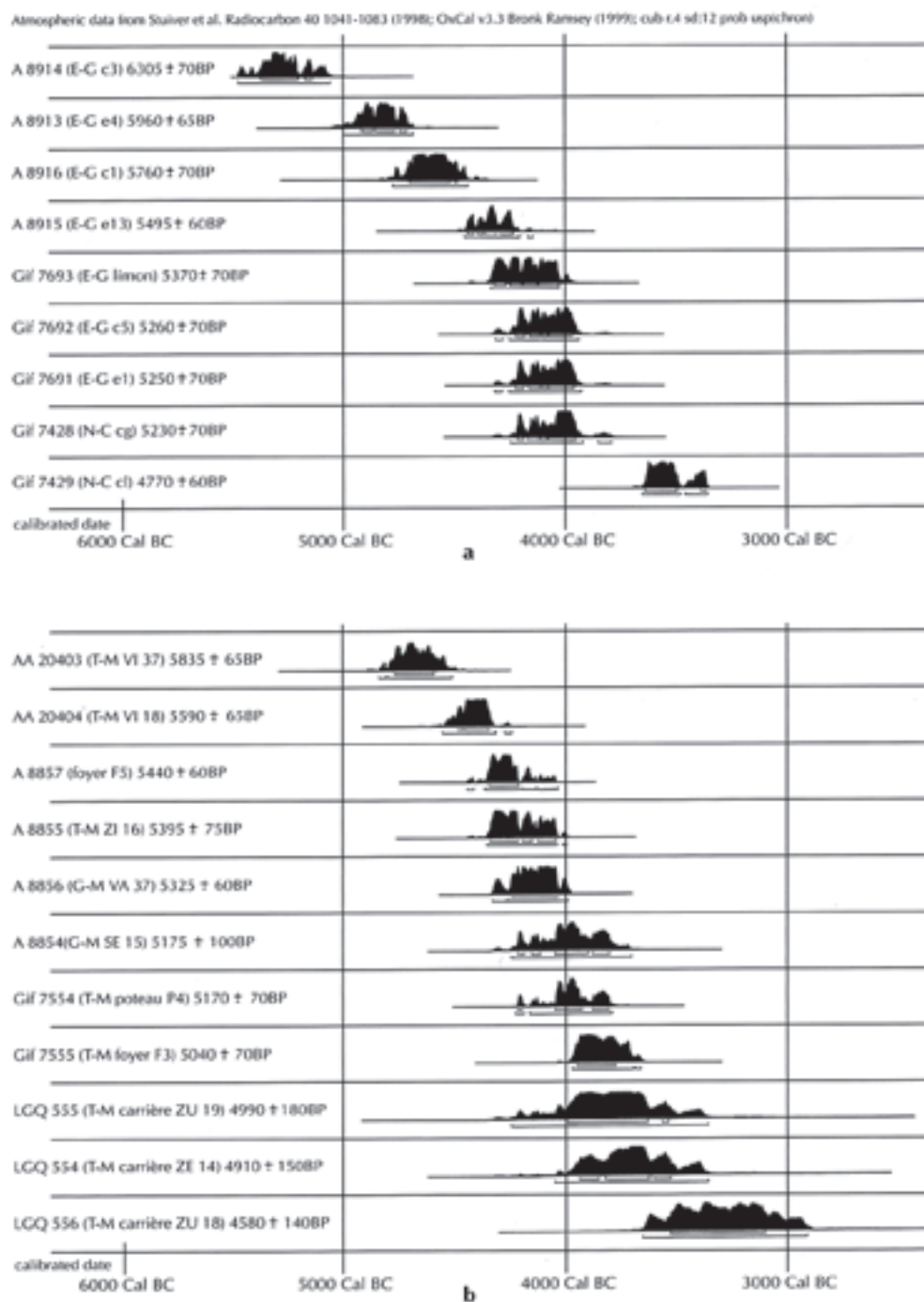


Fig. 2 – Dados de radiocarbono de Locmariaquer: A – Er Grah e Cemitério Novo; B – Grand Menhir – Table des Marchands; C – Outros sítios (turfeira de Kerpenhr e escavação de Rovick). (Morzadec, 2006, p. 267).

pouca fiabilidade. A vários títulos, as datas fiáveis representam uma boa lição para os defensores da antiguidade do megalitismo português em relação ao do Morbihan...

Para concluir, recuperamos as palavras de J. L'Helgouac'h, num dos últimos textos que publicou. Helgouac'h a quem Charles-Tanguy Le Roux dedica a monografia de Er Grah. Reflexão que podemos aplicar transversalmente ao desafio das intervenções e estudo de monumentos megalíticos:

«La fouille des grandes architectures de pierres est une affaire complexe, et, contrairement à l'idée que l'on pourrait se faire, nous sommes loin d'en posséder une vision complète ; il ne suffit plus de se contenter d'étudier leur fonction funéraire, si intéressante soit-elle quand les vestiges osseux sont préservés. Dans les régions où ces vestiges ont disparu ou sont mal conservés, l'attention doit se porter sur d'autres fonctions, et en particulier la fonction monumentale. Encore ne suffit-il pas de dégager des murs de parement. Nous savons trop peu de chose sur l'intégration de ces édifices dans le paysage et à l'intérieur du territoire des sociétés. Enfin, l'histoire des grandes architectures de pierre n'est pas seulement celle de leur construction, mais aussi celle de leur abandon et de leur destruction il est à parier que nous ne sommes pas au bout des surprises pour peu qu'une attention plus forte soit portée à ces mal-aimés que l'on appelle éboulis.» (L'Helgouac'h, 1996, p. 422-423)

A terminar: uma bela monografia, verdadeiramente multidisciplinar, muito bem focada no seu tema. Charles-Tanguy Le Roux *a bien fait son travail*.

O segundo volume, por favor?

Lisboa, Primavera de 2010

LE ROUX, C-T., ed. (2007) – *Monuments mégalithiques à Locmariaquer (Morbihan). Le long tumulus d'Er Grah dans son environnement*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique. (Supplément à Gallia Préhistoire; XXXVIII).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMOULE, J.P., ed (2007) – *La Révolution néolithique en France*. Paris: La Découverte.

GONÇALVES, V. S., ed. (2000) – *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Actas do 2.º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000.

L'HELGOUAC'H, J. (1983) – Les idoles qu'on abat... *Bulletin de la SPM*, 110, p. 57-68.

L'HELGOUAC'H, J. (1996) – Mégalithes armoricains : stratigraphies, réutilisations, Remaniements. *Bulletin de la Société préhistorique française*. Paris. tome 93, N. 3. p. 418-424.

LE ROUX, C.-T. (2000) – Il faut qu'une tombe soit ouverte ou fermée. In GONÇALVES, V. S. – *Muita gente, poucas antas*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 267-282.

LE ROUX, C.-T. (2003) – Les menhirs d'Armorique et leur place dans la vie des homes du Néolithique. In GONÇALVES, V. S. – *Muitas antas, pouca gente*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 371-383.

MARCHAND, G. (2003) – Les zones de contact Mésolithique / Néolithique dans l'ouest de la France: définition et implications. In GONÇALVES, V. S. ed – *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia p. 181-197. (*Trabalhos de Arqueologia*; 25)

SAUJOT, C.; LE ROUX, C.- T. (2004) – *Le droit français de l'archéologie*. Paris : Éd. Cujas. 381 p.

SCHULTING, R. J. (1996) – Antlers, bone pins and flint blades: the Mesolithic cemeteries of Téviéc and Hoëdic, Brittany. *Antiquity*. London. 7, p. 335-350.